

ポスター発表

203

Can-do para alunos da educação infantil e ensino fundamental I:
a oficina de onigui

Tanyno Mercante Martinez, Fundação Instituto Educacional Dona Michie Akama

CAN-DO PARA ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL I: A OFICINA DE *ONIGIRI*

Tanyno Mercante Martinez
(Fundação Instituto Educacional Dona Michie Akama)

Resumo:

Em 2016, foi criado um grupo de estudos cuja finalidade era pensar sobre o público infantil e sobre técnicas de ensino de língua japonesa como língua estrangeira. Mais especificamente, pensou-se em como elaborar o planejamento de aulas e desenvolver atividades didáticas dentro do conceito de *can-do* voltado para crianças.

Para pôr em prática toda a parte teórica estudada ao longo desse ano de estudos, uma das ideias foi elaborar um minicurso de férias, no mês de julho de 2017. Para esse minicurso, pensou-se em fazer uma “oficina de *onigiri*”.

O resultado desse minicurso foi a integração de teoria e prática com muita diversão e aprendizado.

Palavras-chave: *língua japonesa, criança, brincadeira, movimentar o corpo, culinária, onigiri*

De modo geral a palavra “*Can-do*” refere-se ao que uma pessoa é *capaz de fazer* com o conhecimento adquirido de uma língua estrangeira. Esse conhecimento é graduado dentro de uma escala estabelecida pelo Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (Common European Framework of Reference for Languages – doravante CEFR).

O CEFR é um padrão internacionalmente reconhecido para descrever a proficiência em um idioma. O CEFR é amplamente aceito pela Europa e é cada vez mais comum ao redor do mundo. A escala estabelecida pelo CEFR está dividida em seis níveis, a saber: A1, A2, B1, B2, C1 e C2. Sendo A1 o nível mais básico de proficiência em uma língua e o C2 o nível mais alto de proficiência em uma língua..

O padrão estabelecido pelo CEFR é atualmente muito usado na elaboração de materiais didáticos de diversas línguas europeias. O idioma japonês utiliza o ***JF Standard***, que é um parâmetro desenvolvido pela The Japan Foundation, tendo como base o CEFR.

Entretanto, esses materiais didáticos quase sempre estão voltados ao público juvenil e adulto. No campo da educação infantil, há escassos materiais fundamentados nesses parâmetros.

Pensando nisso, no segundo semestre de 2016, a coordenadora pedagógica do curso de japonês da *Fundação Instituto Educacional Dona Michie Akama*, a professora Edna Tanaka, criou um grupo de estudos cuja finalidade era justamente refletir sobre o público infantil e sobre as novas técnicas pedagógicas vigentes atualmente, visto que este é um campo ainda pouco explorado.

Mais especificamente, pensou-se em como elaborar o planejamento de aulas e desenvolver atividades didáticas dentro do conceito de *can-do* voltado para crianças entre os 5 e os 10 anos de idade.

Esse grupo de estudos é composto por instrutores de japonês da Fundação Michie Akama e também por professores de japonês e pesquisadores de outras instituições. A reunião ocorre com periodicidade mensal, sendo destinado um período de 2 horas e 30 minutos.

Desde o início, esse grupo focou suas atenções no estudo sobre o conceito do *can-do*, sobre o *JF Standard*, sobre o público infantil e, principalmente, sobre como relacionar todos esses conceitos teóricos com uma prática didática efetiva.

Para pôr em prática toda a parte teórica estudada ao longo desse ano de estudos, uma das ideias foi elaborar um minicurso durante o período do curso de férias que o Centro Educacional Pioneiro oferece. Para esse minicurso, pensou-se em fazer uma “oficina de *onigiri*”.

O *onigiri* é um tradicional bolinho de arroz muito apreciado no Japão. Esse bolinho pode ter uma forma triangular ou redonda e o ingrediente básico é o arroz do tipo japonês cozido.

A escolha desse tema deveu-se ao fato do *onigiri* ser de execução simples e ter uma relação muito forte com a cultura japonesa.

O minicurso ocorreu nos dias 3 e 4 de julho de 2017, com uma hora de duração cada dia. As atividades para esse minicurso foram cogitadas para explorar temas como colaboração para a execução de uma tarefa, aspectos históricos e culturais japoneses, além dos elementos linguísticos pertinentes.

O *can-do* básico desse minicurso era conseguir preparar o *onigiri* com os colegas, a fim de aproximar-se da cultura e da língua japonesas. No que se refere à competência socioemocional, esta era conseguir cooperar e divertir-se com os colegas além de empenhar-se em novos desafios. Já a competência cognitiva envolvida era compreender a importância de conviver com os colegas da escola, entender o sentimento envolvido na elaboração do *onigiri* e demonstrar interesse pela língua japonesa.

Quanto ao papel dos professores, este foi explicar e conduzir as atividades, transmitir o sentimento por trás do *onigiri* e comparar as culturas brasileira e japonesa.

O espaço utilizado para o minicurso foram as salas de aula e o refeitório do Centro Educacional Pioneiro e para tal, contou-se com o total apoio dos funcionários da escola (diretora, coordenadores, nutricionista e auxiliares).

Os materiais necessários foram aparelhos de TV, computadores e massa de modelar para as atividades do primeiro dia e arroz cozido e plástico filme para o segundo dia. Também foram necessários papel e lápis para o *feedback* ao final da atividade.

Em relação às crianças que participaram desse minicurso, estas tinham a idade entre os 6 e os 11 anos. Eram crianças que estudam no Centro Educacional Pioneiro, no Ensino Fundamental I. Algumas dessas crianças também eram alunas de língua japonesa do curso extra que essa escola oferece. No total participaram do minicurso 76 crianças.

No primeiro dia do curso, as crianças foram divididas em 3 grupos de acordo com suas idades. O grupo das crianças maiores (entre 10 e 11 anos) ficou sob os cuidados da professora Mariko Takechi, da Fundação Instituto Educacional Dona Michie Akama. O grupo das crianças de 8 e 9 anos ficou com as professoras Edna Tanaka, da Fundação Instituto Educacional Dona Michie Akama, e Luciana Fonseca, do Colégio Harmonia. O grupo das crianças menores, cujas idades variavam entre os 6 e os 7 anos, ficou com o professor Tanyno

Martinez, Fundação Instituto Educacional Dona Michie Akama, e a professora Karen Iwayama, do Colégio Marupiara. Além desses professores, duas pesquisadoras da Fundação Japão acompanharam os trabalhos, as professoras Sandra Suenaga e Eriko Nakajima.

O trabalho básico com os grupos foi o mesmo, ou seja, no primeiro dia fazer com que as crianças brincassem com as formas geométricas (*círculo* e *triângulo*) através de atividades lúdicas além de ensinar as expressões e o vocabulário pertinentes, e no segundo dia proceder à elaboração dos *onigiri*.

A introdução do tema variou de acordo com o grupo. No grupo da professora Mariko, foram explorados aspectos históricos, a professora explicou sobre o significado da palavra *onigiri* e sobre todo o contexto histórico relativo ao tema. A professora Edna introduziu o tema trabalhando o sentimento a que o *onigiri* remete e em que ocasiões é consumido. Além disso, esse grupo teve como *can-do* específico conseguir convidar o colega para fazer *onigiri*, usando a expressão “*Ongiri wo tsukurou!*” (Vamos fazer *onigiri*!).

No grupo das crianças menores, o enfoque foi muito mais lúdico. As crianças ouviram uma história, no estilo *kamishibai*¹, criada especialmente para essa oficina. Em resumidas palavras, a história falava de um menino que um dia estava meio triste e entediado, ao vê-lo assim, sua mãe decide preparar-lhe uns *onigiri*. O menino, então, come esses *onigiri* e o seu tédio passa. No dia seguinte ele leva para a escola uns *onigiri* para mostrar para uma colega e compartilhar com ela o prazer de comer o *onigiri*. O foco da história era apresentar todo o sentimento envolvido na preparação do *onigiri* e também apresentar a ideia de compartilhar. Em seguida, foi perguntado às crianças o que os seus pais lhes preparavam quando elas estavam tristes como o menino da história. A ideia era despertar nas crianças os mesmos sentimentos envolvidos na narrativa. Além disso, foi introduzido o vocabulário relacionado ao formato (circular e triangular) do *onigiri* e às expressões usadas antes e depois de comer, “*itadakimasu*” e “*gochisousama*” respectivamente.

Depois, foram feitas brincadeiras com as crianças. Para Vygotsky (1987; apud BORBA, Ângela Meyer, 2007, p. 35), “o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.”

Primeiro, foi feita uma brincadeira do tipo “chefinho mandou”. As crianças em grupos pequenos e de mãos dadas deveriam executar as formas que o professor dizia em japonês: “*MARU*” (círculo) e “*SANKAKU*” (triângulo).

Após essa parte introdutória, as crianças dos 3 grupos brincaram com massa de modelar para fixar as formas em que pode ser feito o *onigiri* e também para treinar os movimentos necessários para a elaboração deste. Assim encerraram-se as atividades do primeiro dia da oficina de *onigiri*.

No dia seguinte, após uma rápida revisão do conteúdo visto no dia anterior, as crianças

¹ Forma de se contar histórias com um apoio visual, que combina o uso de ilustrações com a narração do seu apresentador. O nome vem das palavras *kami* (紙), que significa papel, e *shibai* (芝居), que significa drama.

procederam à elaboração dos *onigiri*. Elas fizeram de dois a três *onigiri* que foram consumidos por todos no almoço nesse mesmo dia.

As crianças (dos 3 grupos) foram reunidas no refeitório da escola e começaram a elaborar os *onigiri* sob as orientações dos professores e auxiliares disponibilizados pela escola. Cada criança recebeu uma quantidade de arroz cozido envolvida em plástico filme e preparou os *onigiri* tal como fora treinado no dia anterior. Essa parte da atividade durou aproximadamente 30 minutos.

Pôde-se observar que as crianças se envolveram muito nas atividades e na elaboração do *onigiri* e que conseguiram interagir e colaborar com os professores e colegas. Observou-se ainda o entusiasmo das crianças com as atividades. Pareceram estar muito felizes e satisfeitas quando viram seus *onigiri* prontos.

Ao final, como *feedback*, foi pedido às crianças maiores que escrevessem algo sobre as atividades e às menores, que desenhasssem algo que representasse o que mais elas gostaram dentro desse minicurso.

Citamos abaixo alguns comentários das crianças. Para preservar a identidade delas, será usada a inicial de seus nomes entre parênteses:

“Gostei de fazer o *onigiri* com gorram!” (F)

“A coisa que eu mais gostei de fazer foi o *onigiri*.” (H)

“Eu gostei muito dos três passos que são: conhecer o *onigiri*, chamar o colega e fazer o *onigiri* de verdade.” (J)

“Eu adorei fazer *onigiri* porque eu gosto muito de comer *onigiri*.” (L)

“Eu gostei de ver os tipos de *onigiri* na televisão.” (Y)

“Eu gostei da parte que eu usei a massinha e da parte de fazer o *onigiri*.” (M)

“O que eu mais gostei foi que eu pude ter a chance de fazer um ‘*onigiri*’ e vou ter a chance de comê-lo. [...] eu também gostei de poder colocar amor e espero que quem comer o ‘*onigiri*’ que eu fiz possa saboreá-lo bem [...]” (J)

Analisando esses e outros comentários, fica claro que apesar das crianças terem gostado da parte teórica e da parte lúdica do minicurso, o que elas realmente gostaram foi ter a oportunidade de fazer com suas próprias mãos o *onigiri*. Algumas dessas crianças já conheciam o *onigiri*, porém muitas destas comentaram que nunca haviam feito um.

Ao estudar os desenhos feitos pelas crianças menores, pôde-se perceber que elas também gostaram muito da elaboração do *onigiri*. Isso porque em muitos desenhos as crianças retrataram a si mesmas e aos seus coleguinhas fazendo os bolinhos de arroz. Outra constante nos desenhos foi a presença de um ou vários colegas com a criança. Isso indica que as crianças realmente conseguiram interagir entre si e divertir-se com seus colegas.

Desta maneira, pode-se considerar que os objetivos principais do minicurso, que eram conseguir preparar o *onigiri*, colaborar com os colegas e aproximar-se da cultura japonesa, foram alcançados satisfatoriamente pelas crianças. E isso mostra que os professores conseguiram explicar sobre as atividades e transmitir os conhecimentos necessários.

Deve-se relatar algo interessante que aconteceu durante o minicurso. Como este ocorreu durante o curso de férias oferecido pela escola, havia algumas crianças, entre 3 e 5 anos, que não participariam das atividades da oficina de *onigiri*. Entretanto, quando essas crianças viram uma movimentação diferente na escola, elas ficaram curiosas e quiseram participar também. Assim, depois que as atividades do primeiro dia terminaram, os professores Tanyno e Karen contaram a mesma história do *kamishibai* para essas crianças que se entusiasmaram muito.

A execução desse minicurso permitiu que todos os conceitos estudados pelo grupo de estudos pudessem ser aplicados na prática e indicou a necessidade de pesquisas maiores e mais profundas sobre a ideia de *can-do* e o ensino infantil.

Referências bibliográficas:

VYGOTSKY, L. S. apud BORBA, Ângela Meyer. *O brincar como um modo de ser e estar no mundo*. In: Brasil MEC/ SEB. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*, organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 35. (PDF)

British Council, *Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (CEFR)*. Disponível em: <<https://www.britishcouncil.org.br/quadro-comum-europeu-de-referencia-para-linguas-cefr>>. Acesso em 20 de novembro de 2017.

EF SET, *O que é o CEFR*. Disponível em: <<https://www.efset.org/br/english-score/cefr/>>. Acesso em 20 de novembro de 2017.